A PERCEPÇÃO DO INDIVÍDUO SURDO PELA SOCIEDADE OUVINTE

Geane Almeida Cunha [1], Ricardo Baratella [2]

[1] PIDIB: CAPES / UNIUBE / Universidade de Uberaba, geane.biomedicina@uniube.br; [2] PIDIB: CAPES / UNIUBE / Universidade de Uberaba, gestor.cienciasbiologicas@uniube.br

Linha de trabalho: Educação Inclusiva

Resumo

Um desafio constante é a inclusão de indivíduos surdos em nossa sociedade. O objetivo dessa pesquisa foi identificar se realmente a comunidade surda é inclusa na sociedade e se a mesma comunidade se sente inserida nesse contexto. Como processos metodológicos e a coleta de dados, foram utilizados questionários e entrevistas, tanto na comunidade surda como na de outros ouvintes. Em muitas conjunturas, os sujeitos dessa pesquisa sentem que as comunidades surdas estiveram alienadas, excluídas de informações, mas um ponto expressivo nos relatos é que os surdos sentem-se venturosos quando utilizam a língua de sinais em suas relações com seus pares.

Palavras-chave: LIBRAS, Exclusão, Inclusão.

Contexto do relato

Em nosso cotidiano, convivemos com as mais diferentes manifestações de diversidade cultural. Muitas vezes, por incompreensão ou falta de informação, subjugamos as pessoas que se diferenciam, em seus hábitos, comportamentos e linguagem, daquele padrão estabelecido pela sociedade em que estamos inseridos.

Nas mais antigas comunidades humanas, nas diversas regiões do mundo, sempre nasceram pessoas surdas ou que perderam a audição na mais tenra idade. Em cada um desses lugares, desenvolveu-se um sistema de língua próprio dessas pessoas. Os registros históricos explicam que a comunicação entre elas e as pessoas que ouviam se fazia pelas mãos e pela expressão do rosto. Até o século XIX, embora enfrentando preconceitos, os surdos sempre usaram a língua de sinais. A comunicação com os surdos, inclusive na Escola, era gestual.

Aos poucos, foi ganhando espaço, na educação formal, uma linha de pensamento na qual a comunicação dos surdos, e com eles, deveria ser por meio da língua oral. Nessa linha, denominada oralista, os gestos eram proibidos e a fala foi entendida como a única maneira de

os surdos serem inseridos na vida social. A consequência dessa forma de pensar a inter-relação ouvintes/surdos fez com que as comunidades surdas se isolassem socialmente das demais, resistindo à imposição da língua oral.

Apesar das contribuições de inúmeros estudos e pesquisas, muitas pessoas apresentam concepções inadequadas sobre as línguas de sinais, pois estão acostumadas a associar língua com fala (linguagem verbal), desconsiderando que, ao se tratar de uma língua de sinais, deve-se associar língua e sinais.

De acordo com CASTRO e CARVALHO (2005): LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) é a:

> língua natural da comunidade surda utilizada no Brasil com sua estrutura e gramática própria que é utilizada para a comunicação entre surdos e ouvintes. É reconhecida oficialmente pelo governo Brasileiro através da Lei 10.436/2002. É uma língua de modalidade gestual – visual que utiliza como canal ou meio da comunicação, movimentos gestuais e, expressões faciais que são percebidos pela visão. É a melhor forma de interação entre pessoas surdas, nas escolas, entre professores, alunos, colegas e no convívio social.

Sabe-se que, atualmente, a linguística considera as línguas de sinais como sistemas linguísticos legítimos, uma vez que se caracterizam como línguas naturais das comunidades surdas, constituindo-se como traço identitário dessas pessoas. Pesquisas recentes mostram que as línguas de sinais, sob o ponto de vista linguístico, são completas, complexas, capazes de expressar qualquer conteúdo, transmitir qualquer informação, além de possuírem uma abstrata estruturação nos diversos níveis de análise.

Detalhamento das Atividades

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e, posteriormente, estudos teóricos sobre os Processos Interativos com a Pessoa Surda – LIBRAS. Em um segundo momento, foram realizadas entrevistas, por meio de um Questionário com vinte perguntas.

Participaram dessas entrevistas, cinquenta e cinco (55) sujeitos, sendo trinta e três (33) indivíduos estudantes e professores de nível superior e vinte e dois (22) eram docentes e estudantes da Educação Básica.

No Brasil, a língua de sinais foi reconhecida através da Lei Nº10.436/2002, como a língua das comunidades surdas brasileiras, que no seu artigo 4°, dispõe que o sistema educacional federal e sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem

garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais/Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Mas como a sociedade vê isso? Como os surdos veem isso? Essa pesquisa revela importantes dados e contribuições tanto da comunidade surda, como também da comunidade ouvinte.

Análise e Discussão do Relato

Nos resultados da pesquisa, foram encontrados momentos de consenso entre os entrevistados, tanto do Ensino superior quanto da Educação Básica. A seguir, destacamos os *pontos positivos* que foram observados na pergunta 16.

16 - Você considera que a língua de sinais seja uma das formas mais expressivas das culturas surdas. Elas apresentam um papel fundamental para o desenvolvimento dos surdos?

100,00% dos entrevistados de nível superior disseram que sim, e nos níveis fundamental e médio, encontramos um percentual de 95,65%.

Mas, há *pontos divergentes* nas entrevistas, como pode-se observar, a seguir, na questão 7.

7 - Você sabe o que é LIBRAS?

90,62% dos entrevistados de nível superior, responderam sim. Nos níveis fundamental e médio, a estimativa é de 47,82%

Consideramos como *pontos negativos*, as respostas encontradas nas questões 14 e 15.

14 - Você considera que as pessoas surdas devem aprender a falar e a fazer a leitura labial, assim poderão diminuir a sua deficiência?

No Ensino Superior, 75,00% dos entrevistados responderam sim e um percentual elevado foi encontrado nos níveis fundamental e médio: 95,65%.

15 - Você considera o surdo um deficiente que necessita de terapia de fala e sessões de oralismos para aprender algumas palavras e leitura labial?

78,12% dos entrevistados de nível superior e 82,60% dos de nível fundamental e médio, responderam positivamente.

Para Quadros (2006) "o surdo percebe o mundo de forma diferenciada dos ouvintes:

> através de uma experiência visual e faz uso de uma linguagem especifica para isso a língua de sinais. Esta língua é, antes de tudo, a imagem do pensamento dos surdos e faz parte da experiência vivida da comunidade surda. Como artefato cultural, a língua de sinais também é submetida à significação social a partir de critérios valorizados, sendo aprovada como sistema de linguagem rica e independente."

Do ponto de vista educacional, os entrevistados consideram a língua de sinais importante para a comunidade surda. Mas, os entrevistados que estão inseridos na Educação básica, não a conhecem e não manifestaram vontade de aprender. Há também os que consideram uma língua inferior à língua portuguesa, dificultando a comunidade surda estar no mesmo convívio que a comunidade ouvinte.

Considerando a visão moral, a inclusão se torna mais complexa, pois o preconceito é marcante. Os entrevistados, acreditam que a única maneira dos surdos serem incluídos na sociedade será aprendendo a nos ouvir literalmente, por meio da palavra falada e/ou fazendo a leitura labial. Diante das representações sociais dos sujeitos entrevistados. Organizamos uma entrevista de grupo focal com um casal, com o objetivo de saber a visão que eles possuem do mundo dos ouvintes. Aclaramos que a mulher ficou surda quando era criança e o seu esposo, já nasceu surdo.

Para a *entrevistada*, foram realizadas as seguintes perguntas:

1- A participante entrevistada possui surdez adquirida. Qual o grau de escolaridade? Atuação profissional? Idade?
2- O que a entrevistada sentiu, quando percebeu que não ouvia mais?
3- Como foi a adaptação?
4- Teve dificuldade em aprender Libras?
5- Domina bem as duas línguas?
6- Como a entrevistada sente que está a relação entre o surdo e a sociedade?

Em seguida, questionamos o entrevistado, nos seguintes aspectos:

1- O participante entrevistado possui surdez adquirida. Qual o grau de escolaridade? Atuação profissional? Idade?
2- Como foi descobrir que era surdo o que sentiu?
3- Tem vontade de aprender a língua portuguesa caso não saiba?
4- Já se sentiu excluído?
5- Como o entrevistado sente que está a relação entre o surdo e a sociedade?

A participante relatou que perdeu a audição aos dois anos de idade, após altas doses de penicilina. Em pouco tempo percebeu que não respondia aos estímulos sonoros, ficou muito agitada, inquieta e agressiva (ela nos informou que foram seus pais que relataram essas alterações de comportamento).

No início, todos sofreram muito, já que não tinham conhecimento do que tinha acontecido. Até mesmo seus familiares se afastaram do convívio, acreditando que a surdez era contagiosa.

Os seus pais em busca de ajuda, entendimento e auxílio médico, saíram de sua cidade e vieram morar em Uberaba, onde havia uma Escola especial para surdos, conhecida por Dulce de Oliveira. Essa professora foi quem alfabetizou, pois naquela época, a Libras não era muito utilizada. O método que prevalecia era o oralismo, porém a professora Dulce de Oliveira trabalhava o treinamento de fala e o uso da língua de sinais. Com isso, ela se tornou uma pessoa bilíngue.

Para a participante, a maior barreira é a comunicação. Ela nos relatou um fato que para a maioria dos ouvintes não fez diferença, mas para a comunidade surda era fundamental, a escolha do Presidente do Brasil. Nenhum dos candidatos se atentaram a isso e em nenhum debate houve um (a) intérprete de Libras e, consequentemente, as comunidades surdas ficaram alienadas, excluídas de informações.

Quanto ao entrevistado, a surdez é de nascença. Como já haviam pessoas surdas na família, foi mais tranquila a aceitação, mas seu grande desafio foi ser inserido na sociedade. Ele crê que os surdos são muito felizes quando usam a língua de sinais e no final da entrevista, nos deixa uma linda mensagem: "*Eu acredito que toda a sociedade precisa*

conhecer Libras e respeitar os surdos. Nós respeitamos os ouvintes, eles também precisam reconhecer que não somos deficientes, somos surdos e usamos a língua de sinais como eles usam o português para comunicar-se".

Considerações

Ao contrário do que se espera, as línguas de sinais não são puramente mímicas e sinais soltos, empregados pelas pessoas surdas para promover a comunicação. São línguas com estruturas gramaticais próprias, sendo compostas por todos os níveis linguísticos.

Os docentes que procuram desenvolver uma prática bilíngue, necessitam avaliar que os surdos compõem uma comunidade linguística minoritária, assinalada por compartilhar uma língua de sinais, valores culturais e sociais, hábitos e modos de socialização próprios.

Na perspectiva cultural, antropológica, os estudos pertinentes às pessoas com deficiências têm deixado claro que o mais respeitável é como o sujeito surdo participa da sociedade, e qual a sua configuração de relação com o outro nas diferentes situações da vida social.

Referências

BRASIL.Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

CASTRO, A. R. de & CARVALHO, I. S. de. **Comunicação por Língua Brasileira de Sinais**. Editora SENAC. Brasília, 2005.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de surdos**. Porto Alegre: artes Médicas, 1997.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. SANTOS, Thaís Helena dos. **"LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)" (Verbete).** Dicionário Interativo da Educação Brasileira. Educa Brasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2006.